

POLÍTICA MONETÁRIA

Medidas de alívio terminaram, diz Alkimar

Consolidação do Real depende do Congresso e governo agirá com cautela, afirma diretor do BC

NILTON HORITA

O Banco Central não tomará novas medidas de afrouxamento da política monetária até o final do ano. A redução dos compulsórios dos bancos chegou ao limite e o juro fica como está — uma atitude cautelosa diante do tradicional aumento das vendas no final do ano. O governo poderá, se for o caso, tomar apenas atitudes pontuais, sem soltar as rédeas da economia. Em entrevista concedida segunda-feira em Brasília, o diretor de política monetária do BC, Alkimar Moura, avaliou que até agora a sociedade viveu, o Plano Real embalada por um clima de euforia, mas chegou a hora da verdade, com as reformas estruturais mais importantes em discussão no Congresso.

“Consideramos que já houve suficiente flexibilização nos compulsórios”, disse Moura. “Estamos no último trimestre do ano e podemos agora ter um momento de cautela”.

Para o diretor do BC, o plano colecionou sucessos até agora, mas as reformas de que necessita para sua consolidação enfrentam resistências. “Chegamos num momento em que a sociedade começa a entender que não se faz ajuste sem custo para ela, que virá sob a forma de aumento de tributos, menos gastos públicos, demissões provocadas por questões de vantagem comparativa, abertura e perda de benefícios corporativos”.

Alkimar acredita que as reformas “críticas” estão na berlinda. “Os acordos no Congresso estão mais difíceis”, avalia. Ele rebate as críticas contra os juros altos, que estariam devastando as contas do governo.



José Varella/AE

Alkimar Moura, diretor do BC: inflação até abril já está dada

“As pessoas estão tendo uma visão aritmética da questão da dívida pública. O problema não é a dívida nem sua taxa de crescimento, o que é preciso ver é o ganho que o governo tem com a estabilidade e isso não está acontecendo”.

O objetivo do BC é alongar os prazos da dívida pública. O Tesouro vai emitir papéis mais longos, de 120 dias e, provavelmente de 150 e 180 dias, afirma. Já o BC pilotará a política monetária com bônus de 60 dias.

O BC vem mudando sua conduta no mercado aberto, deixando que as taxas de juros sejam formadas pelo mercado. Antes, explica Alkimar, o BC atuava em leilões pela manhã, doando ou captando recursos e, se faltasse ou sobrasse dinheiro, repe-

tia a operação à tarde. Isso mudou. “Nos primeiros meses do Plano Real havia falta de recursos no sistema, que estava com mais títulos que dinheiro e precisava se financiar. Esta situação de demanda e oferta atingiu o seu quase equilíbrio e isso permitiu a mudança do BC”, conta.

A autoridade monetária, porém, continua vigiando de perto o mercado. O BC intervirá, segundo Alkimar, “se houver desequilíbrio inesperado entre oferta e demanda de recursos, volatilidade nas taxas ao longo do dia ou quando o BC quiser mudar a taxa de juro”.

O BC quer também demonstrar ao mercado que o juro “não tem mais nada a ver com a inflação”. “Nossa preocupação em termos de inflação hoje é com abril. A inflação até o final do ano já está dada e no primeiro trimestre é sempre mais baixa em virtude da menor atividade econômica. Já contam outros fatores para a formação do juro”, diz.

PARA BC,
JUROS NÃO
ESTÃO
INDEXADOS